

O menino Emanuel e as Marias

Embaixo de um viaduto qualquer na cidade de Bom Jesus de Cuiabá, a face chamuscada de Maria se contorce, faz-se leito irrigado de caudalosas lágrimas. O fruto de seu ventre recebeu o nome de Emanuel, um menino fraquinho, que adormece abrigado nos braços da piedosa mãe. Se despertar na manhã seguinte, faltará alimento para compartilhar. Maria é mulher estranha e maternal, penteando com a mão esquerda os crespos fios enodados e sebosos da cria frágil.

O menino Emanuel sente fome sem nunca ser saciado, é feio e mal desenvolvido. A pele rala veste porcamente o corpo infantil, não disfarça a ossatura.

A noite se manifestou morna para Maria e Emanuel, imigrantes venezuelanos. Nossa mãe Maria, insone, é prima de outra Maria, por sua vez, mãe de Tiago, Judas Tadeo e Simón. Estes todos dormem aglutinados, dividindo centelhas de calor humano. Também dorme Gabriel, menino de não se sabe onde, mais ajeitado, e que aparece no viaduto só quando quer. Fuxicam que Gabriel tem lar, uma família amável, mas trata-se de um anjo que passa apressado por este mundo.

Maria prima é mãe de filhos fortes, vendem balas, limpam para-brisas, mendigam nos sinaleiros. Durante o dia, comem pão, com sorte, dividem a marmita mais barata do restaurante da esquina. É pouco, mas é comida alguma. Em abril de 2021, a pandemia impacta excruciante. Os preços aumentaram e os miseráveis estão mais miseráveis.

Nossa mãe Maria pariu Emanuel, menino doente, necessitado de cuidados. Maria não se alimenta para que a criança se alimente, é mãe dolorosíssima. Comem somente o que é ralo ou não comem, e, por isso, estão perecendo.

Sexta-feira Emanuel despertou mais feio que o usual.

- Mamá, tengo mucha hambre.

Em silêncio, a mãe agradeceu a Deus a

sobrevida da cria que, depois de uma longa noite sem comida no prato, abre ainda os pequenos olhos. Maria arrastou o maltrapilho Emanuel sem rumo, maculando o mapa da cidade onde não eram esperados por ninguém para o café da manhã.

O sol abrasava. Maria e Emanuel fizeram-se estátuas, pois estavam muito fracos, no portão de uma igreja de charme simples e modesto fluxo de gente. Não era horário de Missa, mas a divina morada não pode fechar para os fiéis.

Maria espiou sem ousar mover-se, a ornamentação elevada, os mártires, na nave lateral, a Pietá, e pensou nas mortificações noturnas, no filho estendido sobre colo e braços, os ossos do tórax vistosos, a dor. Emanuel mendigava como os primos, e a sua feiura repelia os transeuntes. O sacristão dá o que beber aos sedentos estirados. Viveriam.

Tiago, que tinha pão, repartiu com os parentes movido por algo maior. Também o Tiago é uma criança estrangeira, pobre e esfomeada, e, na vida, multiplicam-se os famintos, nunca os pães. Nossa mãe Maria não se alimentou, o estômago doía de forma que as palavras não são capazes de expressar, e Emanuel recebeu duas partes do alimento.

Contudo, o menino nunca é saciado, e o seu aspecto apresentou piora. Passado o meio-dia, todos que dividiam o viaduto sofriam as suas cruzes.

A feiura de Emanuel chamava demasiado a atenção entre os sofredores. O pri-

mo Simón fazia com desajeitados trejeitos das mãos figuras de bichinhos, provocando risos pueris. Emanuel não ria, pois não enxergava como os outros. Simón coçou a cabeça.

- Tía, creo que Emanuel no está bien.

Foram então ao hospital, Emanuel e as Marias. Atravessaram a cidade quase despercebidas, como almas penadas, os raros observadores de Emanuel, viravam a face ou atravessavam a rua. A criança é repudiada, as Marias, se não invisíveis, por pouco.

É lamentável que as Marias não soubessem que padece o Emanuel de diabetes tipo 1 a dois anos, pois a ausência de dinheiro privou o diagnóstico e o tratamento ao menino. Nesta conturbada sexta-feira de abril, a ausência do português nas bocas das Marias privava Emanuel do necessário e célere atendimento.

- Como se sente, Emanuel?
- Mal...
- Quanto?
- Muy mal.

No hospital, outra Maria comoveu-se com o sofrimento de nossa mãe e prima, se prestou a ajudar. Prostituta de meia-idade, humilhada, descartada, investigando uma doença venérea. Maria última não é mãe, não casou, não aproveitou a vida, não teve infância, nunca gozou de prazer algum.

- Vocês não vêem que esta criança feia cai de tão magra? Este pobre coitado vai desmaiar aqui se não for atendido!

Maria é uma prostituta imunda, barraqueira, desagradável e tocada pela condição de Emanuel. Seus apelos são perdidos no vazio.

São três da tarde. Emanuel respira vagarosamente, sente-se apertado. Iria estourar ali? O tempo passado pouco importava, ainda é longa a espera. Há aos pés do garoto uma, duas, três Marias. Emanuel conta as Marias, querendo enganar os pensamentos, na busca de minutos de paz. Logo, o menino juntou as pálpebras e não retornou mais.

O coração de nossa mãe Maria foi trespassado por sete, mil espadas. Madre dolorosíssima.

Esta história encerra crua, sem a graça da ressurreição. Sobra a cruz de Emanuel, grosseira, inevitável, escancarada.

Conto que ficou em 3º lugar no II Prêmio Literário de Direitos Humanos Prof. Eduardo C. B. Bittar



Marina Taborelli e Silva

Marina Taborelli e Silva nasceu em 1999, cuiabana de tchapa e cruz. É bacharelada em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso. Tem participação nas coletâneas **Esperança Cercada** e **O Estrangeiro** - Cadernos Marginais de Filosofia, Literatura e Direitos Humanos [v. 1 e 2], Editora Fi.

marinatadorelli.silva@gmail.com